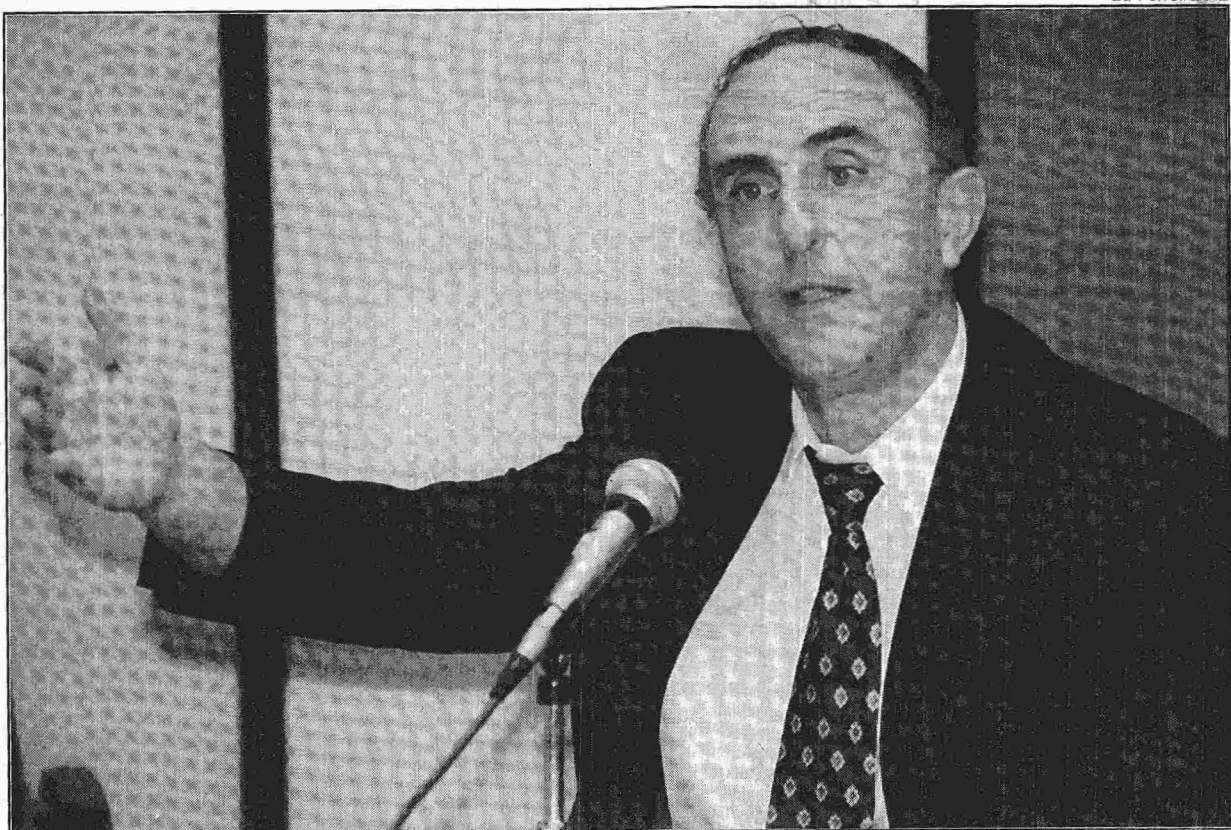


PERSPECTIVAS

Ed Ferreira/AE



Baer: "A quantidade de brasileiros morando no campo diminuiu e os empregos na indústria não cresceram"

# Plano de estabilização pode agravar dependência do Brasil, diz economista

*Professor de Illinois alerta para fato de o País, assim como toda a AL, investir pouco em educação*

LU AIKO OTTA

**B**RASÍLIA — O sucesso dos programas de estabilização econômica na América Latina, incluindo o do Brasil, não são garantia de elevação da qualidade de vida da população. No médio prazo, esses países podem tornar-se mais dependentes de tecnologias desenvolvidas pelos países mais ricos e o desemprego tende a piorar, por uma única razão: faltam investimentos fortes e estrategicamente planejados na educação. A opinião é do professor de Economia da Universidade de Illinois Werner Baer.

"É um erro achar que o deus mercado vai resolver todos os problemas", comentou Baer, um estudioso das economias latino-americanas e especializado em economia brasileira.

Na opinião de Baer, a economia brasileira tende a seguir o mesmo caminho dos Estados Unidos e da Europa, em que 70% a 80% dos empregos são oferecidos pelo setor de serviços. "Nos últimos anos, a

quantidade de brasileiros morando no campo diminuiu e os empregos na indústria não cresceram para contrabalançar esse movimento", disse.

Por isso, ele conclui que a mão-de-obra precisará ser absorvida pelo setor de serviços. Mas para isso serão necessários "investimentos rápidos e massivos" em educação. Uma boa formação será necessária não só para suprir de trabalhadores qualificados as empresas que oferecem serviços — cuja participação na economia será cada vez maior —, mas também para a elevação do nível de capital humano do País.

O professor acha que o Brasil não faz os investimentos necessários na educação porque só se preocupa com questões de curtíssimo prazo. "Com o fim do comunismo, a sociedade ocidental deixou de pensar em questões estruturais."

Na opinião de Baer, uma visão estratégica sobre a construção da sociedade brasileira das futuras décadas seria até um bom argumento para o governo aprovar as reformas constitucionais. Dessa

forma, o governo poderia investir mais em educação sem comprometer as metas de ajuste fiscal.

"Não há dúvidas de que a prioridade número um foi acabar com a inflação e melhorar a distribuição de renda, o que foi bom", reconheceu Baer. "Mas não quer dizer que o problema foi resolvido."

Ele lembrou que há muitas questões ainda sem resposta sobre a maneira como o governo brasileiro está conduzindo a reforma do Estado. Uma delas é a privatização. Para Baer, a concessão de rodovias tem vantagens visíveis, porque garante que serão conservadas.

Ele aponta, porém, questões em aberto, como, por exemplo, se a cobrança de tarifas não será pesada demais para as pessoas de menor renda. "Fiquei feliz ao saber que duas empresas privadas iriam explorar a Via Dutra, porque elas dispensariam o governo de fazer investimentos", disse. "Mas, depois, soube que 90% dos recursos para as obras virão do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, que é poupança pública."

**B**AER TEM  
RESTRIÇÕES À  
PRIVATIZAÇÃO  
DE RODOVIAS